DIABLO
Dentes Pestilentos
UM CONTO DE
Z BREWER

História

Z BREWER

Editorial

ERIC GERON

Consultoria de história

IAN LANDA-BEAVERS

Consultoria criativa

LEWIS HARRIS, VIVIANE KOSTY, JOE SHELY, DANIEL TANGUAY

Produzido por

BRIANNE MESSINA

Design por

COREY PETERSCHMIDT

Ilustrações

MACIEJ JANASZEK

©2023 Blizzard Entertainment, Inc. Blizzard e o logotipo da Blizzard Entertainment são marcas comerciais ou marcas comerciais registradas da Blizzard Entertainment, Inc. nos Estados Unidos ou em outros países.

Dentes Pestilentos

Esta história fala de duas lendas. Uma nascida na selva... e outra nascida dentro dos muros de um vilarejo.

Eu, Tejal, servi de testemunha para ambas em visões que me atormentam até hoje. Agora, prepare-se e ouça enquanto presenteio você com uma história sobre um garoto, um jovem druida... e a coisa que ele se tornará.

Uma peste estendeu a mão sombria pelo mapa, finalmente alcançando um pequeno vilarejo, não muito distante de Hespéria. O povo espera que seu lorde alivie seu sofrimento, mas seus gritos esbarram em ouvidos deliberadamente fechados. Até hoje, consigo ouvir os rumores sussurrados sobre a origem da peste. Sussurros que alimentarão as chamas e queimarão a cidade para sempre.

Começaremos com uma conversa, e terminaremos com sangue...

“Meu senhor”, disse Holps, esfregando as mãos, “a comida já está escassa. Os camponeses podem se revoltar com tal ordem. Se você amaldiçoar os camponeses, nossas colheitas ficarão abandonadas nos campos...”

O lorde zombou. “Agora preciso me importar com o que a subclasse imunda tem a dizer? Eu sou o *lorde deles. O seu* lorde. Cuide para que minha vontade seja feita.”

Outro homem, Ardan, pigarreou — o som ecoou pelas paredes da câmara. “Perdoe-me, senhor, mas seu povo está morrendo de fome. Por favor, você poderia reconsiderar...”

Kirek podia ver que seus apelos não levariam a lugar nenhum. Havia assuntos mais urgentes a tratar e pouco tempo a perder. “Senhor. Notícias urgentes de Hespéria.” Ao se dirigir a seu senhor, ele notou um movimento à sua direita. Pela parede, entre uma brecha nas pedras, Kirek espiava o jovem druida, Vylum, que sua senhoria havia acolhido quando bebê. Vylum sempre deixou Kirek desconfortável. Ele via muito e falava pouco, esgueirando-se pelo castelo como um convidado indesejado. Como companhia, ele trocava as crianças da sua idade pelos ratos do castelo. Agora mesmo, o menino o encarava com olhos que não garantiam a presença de uma alma, acariciando o rato em seu ombro enquanto ele mordiscava o tecido de sua túnica fina.

O lorde resmungou com desdém. “E agora? Mais notícias sobre esta rebelião camponesa?”

“Senhor. É um problema muito mais grave. Uma grande doença, espalhando-se rapidamente. Temos relatos de milhares morrendo nas ruas: furúnculos na pele, abrindo com pus. Parece ter alcançado o forte também.” Kirek engoliu em seco, olhou por cima do ombro e sinalizou para o guarda que estava no corredor. “Parece que uma peste chegou às nossas terras, meu suserano.”

O guarda, com luvas nas mãos e a boca coberta por um tecido, arrastou alguém para dentro da sala e jogou-o no chão diante dos homens. O coração de Kirek batia mais rápido de medo. Ele não sabia como o lorde reagiria. Ele só sabia que seu senhor não faria nada a menos que visse a prova com os próprios olhos, e agora essa prova estava ajoelhada diante dele, tossindo e tremendo.

"NEGUE A ELES AS MIGALHAS DE SUA REFEIÇÃO E ELES PODEM FAZER DE VOCÊ UMA REFEIÇÃO."

O lorde se recostou em seu trono, com a testa franzida. O camponês tossiu e, com saliva ainda pendendo dos lábios, gemeu de dor. Seu rosto e seus braços estavam cobertos de furúnculos — vários dos quais haviam estourado, deixando um brilho oleoso em sua pele já coberta de sujeira.

Kirek falou novamente, com a voz mais suave. "Os boticários dizem que hordas de ratos estão espalhando a doença como fogo. Mas os desfavorecidos dizem que talvez seja a maldição de um druida."

O lorde balançou a cabeça. "Uma maldição, de fato, mas nenhum druida causou isso. Os druidas são amigos deste forte e de seu senhor. Esteja atento onde você coloca a culpa, Kirek. Ou você esqueceu que meu filho já esteve entre eles? Se não fosse pelos druidas, eu não teria nenhum herdeiro."

A mente de Kirek voltou-se para o menino que observava dentro dos muros. Ele se perguntava se Vylum tinha ideia de sua verdadeira linhagem. Se o rapaz não sabia antes, certamente sabia agora. Uma recompensa adequada por espreitar e bisbilhotar.

Kirk se dirigiu ao senhor mais uma vez. "Seu filho atrai ratos para dentro dos muros do castelo, senhor, e os engorda com comida que poderia encher as barrigas de seus súditos famintos."

"Ratos raramente passam fome", disse Vylum agora, com a voz alta o bastante para ser ouvida. "Negue a eles as migalhas de sua refeição e eles podem fazer de você uma refeição." Olhei para Kirek com olhos escuros, um sorriso cheio de dentes tortos.

Kirek continuou, ignorando o rompante. "Sendo maldição druídica ou não, seu filho está contribuindo para esta peste. Os boticários aconselham a espantar essas criaturas com fumaça e depois queimá-las..."

"Cuidado com a língua, Kirek. Para que eu não ordene que seja removida." Houve uma breve pausa enquanto o olhar do lorde se deslocava de Kirek de volta para

as mensagens sobre a mesa diante dele, esperando sua atenção. “Talvez possamos resolver dois problemas com a mesma solução: não agir. Deixar os desfavorecidos morrerem de fome e apodrecer, acreditando estarem amaldiçoados. Suas mortes economizarão comida e retardarão a praga. Você tem suas ordens.”

Kirek olhou para seus companheiros Holps e Ardan em busca de ajuda, mas encontrou suas expressões endurecidas. Toda a esperança de salvar o povo se dissipou com as palavras de sua senhoria. Os únicos que pareciam satisfeitos eram o lorde e seu filho, que parecia contente porque seus amigos ratos não sofreriam nos próximos dias.

Meses se passaram.

A onda de morte e má sorte tornou-se conhecida como a Grande Pestilência. Ela varreu Hespéria, tirando até a vida do lorde. Pouco depois, restava um pouco mais da metade da população. A pedido dos cidadãos sobreviventes, Kirek, Holps e Ardan assumiram a difícil tarefa de liderança. Eles seguiram o conselho dos boticários e começaram a cuidar dos mais pobres entre eles, e até se livravam dos cadáveres empesteados dentro dos muros do vilarejo.

Enquanto Kirek colocava outro corpo em cima do ombro, como um saco de grãos, ele se esforçava para não inalar. O fedor de carne podre e furúnculos abertos revirou seu estômago o suficiente nos últimos dias e, embora estivesse determinado a ajudar o vilarejo, o cheiro de morte e decomposição era quase insuportável. Não houve funerais — apenas pilhas de queima. Era isso, menos para sua senhoria. No fim, o lorde morreu arquejando e tossindo, e foi Kirek quem colocou seu corpo sem vida na cova que Holps e Ardan cavaram. Eles teriam enterrado seu filho druida também, mas o menino deve ter fugido do forte para terras mais seguras ou morrido em alguma fissura do castelo, sem o conhecimento deles. “*Boa viagem*”, pensou Kirek enquanto jogava o corpo que carregou até a pilha de queima e pegava outro.

Holps inclinou a cabeça para o lado enquanto examinava a forma flácida pendurada sobre o ombro de Kirek. “Temos certeza de que este está morto?”

Kirek virou o corpo para frente para examinar o rosto. Uma máscara de feridas

com crosta infeccionada e pus verde.

Quando os olhos de Kirek encontraram o rosto do cadáver, seus lábios se curvaram de nojo. "É *ele*. O garoto druida. Tal pai, tal filho — tão inútil na morte quanto na vida, eu diria. É melhor queimar logo."

O canto da boca de Vylum se contraiu. Aqueles mesmos dentes afiados formando um sorriso, mesmo tão perto da morte.

Ardan arfou. "Ele está vivo!"

Kirek não conseguiu ter piedade. "Os amados ratos do menino — remanescentes de sua ascendência druídica imunda — aceleraram esta praga, tenho certeza. Deixe-o morrer e ajude a acabar com isso." Então, Kirek falou com Vylum, que parecia estranhamente à vontade nas garras da peste. "Já cansou da miséria da sua existência, garoto? Porque nós já cansamos."

E assim, Kirek derrubou a forma flácida e torcida de Vylum na pilha de queima, que sibilou em um suspiro de fumaça e chamas novas.

Risos cruéis brotaram dos três homens enquanto se afastavam, acompanhados pelo crepitar das chamas. Kirek deu uma última olhada para trás, observando uma nova camada de suor brilhando na testa de Vylum enquanto o calor do fogo se aproximava. Cada vez mais.

Esperei até que as chamas envolvessem a pele do rapaz, fervendo seu suor, antes de se virar.

Anos se passaram.

A Grande Pestilência durou todo esse tempo. Quando finalmente chegou ao fim, Kirek, Ardan e Holps se viram com uma riqueza e um poder que nunca haviam imaginado. Suas extensas propriedades pastoris eram bem cuidadas e idílicas, com os desfavorecidos ansiosos para retribuir o serviço que cada homem prestara na época da peste, e eles não passavam trabalho nem dificuldades. Depois de saudá-los como heróis, seu novo lorde atribuiu-lhes um dever final: supervisionar a remoção de todos os vermes de dentro do vilarejo. Embora a praga tenha passado, os ratos permaneceram, consumindo estoques de grãos e ameaçando espalhar

doenças novamente. Pior ainda, eles estavam agindo de forma estranha, excitados, como se algo que esperavam por muito tempo estivesse prestes a acontecer. Os camponeses até afirmaram ter visto os ratos se movendo como uma grande massa pelos becos à noite...

"Achei que já tínhamos dedicado bastante do nosso tempo para eliminar essa maldita peste, mas aqui estamos de novo, nos arrastando pelos esgotos como os próprios ratos que estamos caçando." Kirek iluminou o túnel escuro com sua lanterna, procurando por sinais de infestação. Em sua mão livre, um saco cheio de vermes capturados flutuava na água, lutando contra suas tentativas de afogá-los. Ardan carregava seu próprio saco cheio de roedores — mortos por ingestão de um veneno que os boticários haviam preparado. Quando chegassem à entrada do esgoto, adicionariam os vermes à pilha de queima. "E para onde, em nome de todo Inferno, Holps fugiu? Não é do feitio dele escapar dos deveres."

"Provavelmente em casa, bebendo até secar o porão. Eu invejo ele." Ardan lançou um olhar em volta, observando as paredes de pedra encardidas do esgoto. "Este lugar me deixa desconfortável. Parece que somos *nós* que, que estamos sendo caçados..."

Kirek concordou com a cabeça. Ele não se sentia bem desde que entraram. Havia olhos nele, milhares de olhos que ele não podia ver, embora sentisse o peso deles. "Vamos embora e nos juntar a Holps. Quanto mais cedo estivermos longe desse fedor, melhor."

Mas quando chegaram à mansão de Holps, encontraram a porta da frente entreaberta. Móveis foram jogados de um lado para o outro, lascados e talvez roídos. A lareira estava cheia de brasas quase apagadas. Um rastro de lodo preto sujava os tapetes finos da sala de estar; eles o seguiram até os aposentos e o colchão de penas. A cama estava vazia, exceto por um grande crânio de rato entalhado com runas que eles não reconheciam ou compreendiam.

Não havia dúvida nas mentes deles. Holps estava desaparecido.

E algo nos esgotos o havia levado.

Ardan ergueu uma caneca para brindar, arrastando as palavras. “Ao nosso amigo ausente.”

A taverna na qual estavam não tinha nome, mas tinha cerveja boa e comida decente e, o mais importante, um ar de anonimato. A cerveja escorreu das canecas geladas quando a garçonete as colocou no balcão, mas Kirek e Ardan não notaram. A verdade é que haviam bebido seis canecas cada um enquanto debatiam o que havia acontecido com Holps, e nenhuma quantidade de cerveja seria suficiente para apagar de suas memórias o que tinham visto. Kirek revirou o crânio de rato várias vezes em sua mão, estudando-o à luz crepitante da lareira.

Então Kirek ergueu sua caneca, batendo-a contra a de Ardan.

A garçonete passou um pano sobre a bancada. “Então, como ele morreu?”

“Nunca disse que ele morreu.” Kirek jogou a cabeça para trás, engolindo grandes goles de cerveja antes de limpar a boca com as costas da mão. “Ele está *desaparecido*.”

Estalando a língua, a garçonete balançou a cabeça. “Uma pena. Mas não é o primeiro a desaparecer por aqui ultimamente.”

A voz de Ardan tremia tanto quanto a caneca em sua mão. “Isso não é um crânio de rato comum, Kirk. O tamanho dessa coisa maldita... Deve ser de um verme infectado. Ouvi dizer que essas coisas são do tamanho de gatos. E essas runas... parecem druídicas. Você não acha que...”

“Mantenha a calma, companheiro.” Kirek olhou ao redor nervosamente.

A garçonete se endireitou um pouco. “Runas druídicas, você disse?”

Kirek resmungou, desejando que ela cuidasse da própria vida. “Sim. O que tem?”

“Provavelmente não é nada, mas tenho ouvido histórias sobre uma criatura que dizem ter a alma de mil vermes.” Limpando as mãos no avental, a garçonete se inclinou, prendendo a atenção dos homens enquanto falava. “Ele usa um disco desgastado e entalhado com runas em uma corda em volta do pescoço. Alguns dizem que funciona como um farol, ajudando-o em suas empreitadas assassinas. Ele leva as pessoas para os esgotos, onde ele e seu bando de ratos se alimentam de seus cérebros e olhos.”

Os homens ficaram em silêncio por um tempo, até que finalmente Kirek zombou. “Ridículo. Holps provavelmente ganhou uma mão de cartas e irritou o homem errado.”

Ardan engoliu em seco. “Acha que tem algo... *sobrenatural* à espreita nos esgotos?”

Os olhos da garçonete brilharam. “Tenho certeza de que são apenas boatos. Seu amigo vai aparecer logo.”

Horas se passaram.

A lua estava cheia e baixa no céu, lançando uma tonalidade azul e fria sobre os telhados de palha e as ruas de paralelepípedos. Em qualquer outra noite, teria sido uma visão bem-vinda, mas esta noite tinha sombras demais para Kirek. Tudo que ele conseguia pensar enquanto cambaleava para casa era no olhar da garçonete enquanto ela falava da criatura que vivia nos esgotos. Aquilo causou um calafrio estranho em sua coluna, uma sensação persistente.

Kirek andou de rua em rua. Seu amigo desaparecido consumia todos os seus pensamentos. Ao sair de um beco, ele notou vários ratos reunidos na rua à sua frente.

“Ah, aqui está você.” Ele chutou o primeiro contra a parede; um *baque* úmido e satisfatório acompanhou o guincho final. Ele pisou no próximo, esmagando o crânio do roedor nos paralelepípedos. Com cada pequena morte, ele sentia um pouco de prazer doentio.

Do outro lado da rua, uma entrada escura para os esgotos chamou sua atenção. Ele não conseguia evitar a sensação de ser observado daquela boca escancarada. Mas por quem? E ele estava vendo coisas, ou havia dois pontos verdes brilhantes, como olhos no escuro? Ele piscou e eles se foram.

“Boa viagem, imundície”, ele murmurou.

Pouco depois, ele entrava em casa, contente por desmaiar em sua cama ao lado de sua esposa. O último pensamento que ele teve antes da cabeça tocar no travesseiro foi sobre Holps e o crânio do rato.

E os pontos verdes brilhantes como olhos.

Um dia se passou.

A porta da casa de Ardan estava aberta quando Kirek se aproximou, lembrando-o muito da forma como ele e Ardan haviam encontrado a casa de Holps no dia anterior. Enquanto andava lentamente pela casa escura, ele estremeceu com o som pegajoso de suas botas no chão de pedra, sem saber o que era e com um pouco de medo de acender uma vela e tirar todas as dúvidas. Mas, ao seguir para os fundos da casa, ele percebeu que suas botas agora espalhavam lodo preto a cada passo.

Ainda assim, ele continuou. Onde estavam Ardan e sua esposa? Apesar de seus medos, ele localizou um castiçal no escuro e o acendeu com o isqueiro do bolso. Virando-se lentamente, ele examinou o quarto, então parou. A bile subia por sua garganta.

Duas figuras estavam amarradas à cama. Cada uma despojada de cada pedaço de pele, músculo e tecido. Ardan. Cassandra. Os cobertores estavam encharcados de sangue e fluidos corporais — tanto que o tecido não conseguia conter tudo. A cartilagem e o sangue pingavam no chão. Sobre a cama entre os cadáveres havia um enorme crânio de rato, entalhado com runas. Igual ao que encontraram na casa de Holps.

Kirek vomitou antes de sair correndo de casa. Seu coração martelava dentro do peito, batendo como punhos contra a caixa torácica. Ele precisava correr. Ele precisava continuar em movimento. Ele precisava chegar em casa. Isso, combinado com o

A PRINCÍPIO, A FIGURA PARECIA MAIS UM AMÁLGAMA DE ROEDORES DO QUE UM HOMEM.

desaparecimento de Holps no dia anterior, Kirek agora sabia que ele e sua família não estavam mais seguros no vilarejo.

Ele correu pelas sombras, mas os sons atrás dele o distraiam. Olhando por cima do ombro, ele não viu ninguém o seguindo, mas a sensação de olhos perfurando suas costas não o deixava. O pânico acompanhava cada respiração dele. Como ele poderia ir para casa? Se essa coisa o seguisse até lá...

Afastando de sua mente a imagem horrenda de Ardan e Cassandra, Kirek apressou os passos pelas ruas. Quem havia matado Ardan e sua esposa, e de maneira tão horrível? Teria sido a guarda da cidade, a mando de seu novo senhor? Talvez seu novo suserano — um homem sábio, mas inconstante — estivesse descontente com suas tentativas fracassadas de acabar com a infestação de roedores e tivesse perdido a paciência com eles. Mas recorrer à *execução*? E se não foi ele, então quem?

Ou *o quê?*

Uma criatura que dizem ter a alma de mil vermes...

Entrando em uma abertura de esgoto, Kirek pensou em ficar lá até ter certeza de que seu perseguidor havia sumido. Isto é, se ele *estivesse* sendo perseguido. Então ele lembrou que havia uma rota para casa pelos esgotos. Sem pensar, ele desapareceu nos canais escuros, tateando as paredes viscosas.

Depois de um tempo tropeçando pelos túneis, ele parou em uma câmara aberta para descansar. Raízes se retorciam através da pedra acima, formando rachaduras que deixavam entrar alguns raios pálidos de luar. Ele concluiu que devia estar sob a praça arborizada da cidade.

Ele se perguntou se seriam capazes de ouvi-lo lá de cima, caso ele gritasse. Diante dele, pedaços de ossos pendiam de barbantes no teto, tilintando como pavorosos sinos de vento. Vasos de barro de vários tamanhos ocupavam o espaço — alguns continham plantas, outros uma grande variedade de fungos. Uma velha roda de carroça estava apoiada contra uma parede, servindo de treliça para uma

OS RATOS ME MOSTRARAM MAIS BONDADE DO QUE QUALQUER HOMEM.

vinha trepadeira. Uma cama no canto estava cheia de peles podres de animais, cobrindo o espaço com um cheiro forte.

No centro da sala havia uma panela borbulhante com pequenos crânios de animais flutuando na superfície.

Seu coração batia forte enquanto ele girava procurando o caminho de volta para fora. Seus os olhos encontraram um crânio humano que se projetava de um jardim e uma erupção de cogumelos que escalavam a parede grosseira. Uma risada baixa e estrondosa chamou sua atenção para o outro lado do ambiente.

A princípio, a figura parecia mais um amálgama de roedores do que um homem. Mas então Kirek pôde ver que essa figura camuflada era de fato humana, vestindo camadas de peles, com o rosto encoberto por um capuz e uma máscara. Havia ossos — caveiras — amarrados com tiras de tecido e barbante em volta do pescoço, no quadril e na bota dele. E aqueles eram cadáveres de ratos pendurados sobre um de seus ombros largos?

"Por favor. Eu não queria... Eu só quero ir embora", Kirek conseguiu dizer.

A figura riu novamente, removendo o capuz e a máscara e revelando uma careca pintada com tatuagens. Ainda assim, algo nele parecia familiar. Os dentes afiados na boca que se abrira em um sorriso.

O reconhecimento tomou conta de Kirek, e ele pôde ver o menino que aquele homem havia sido. Kirek limpou a garganta. "Você é o... o pupilo adotivo do antigo lorde. Você está... Você está vivo. V... Vylum, não é?"

"*Era*." Suas palavras se transformaram em uma risada peculiar enquanto um grande rato preto repousou em seu ombro. Quando o rato cheirou a boca de Vylum, quase parecia que a criatura estava lhe dando um beijo. "Mas eu sou muito mais do que isso agora."

Algo pesou no fundo do estômago de Kirek. Ele não podia dizer, com certeza, que Vylum era a pessoa que o estava seguindo. Ele só sabia que cada osso do seu

A MORTE VINHA ATRÁS ELE COM MIL BOCAS FAMINTAS E O COMANDO DE UM SUSSURRO.

corpo gritava para ele sair.

Uma criatura que dizem ter a alma de mil vermes...

Kirk permaneceu paralisado no mesmo lugar. "Por que você vive aqui e não à luz do dia? O forte..."

"O *forte* é uma praga na terra." A voz de Vylum era como gelo. "Esta cidade eliminou as florestas para fazer fazendas e arruinou a terra com resíduos. Envenenou o ar com fumaça e sufocou os rios com sujeira. E agora, meus amigos vão tomar de volta a terra que a humanidade roubou deles."

Kirek balançou a cabeça. Ele não entendia... Ele precisava *pensar*, distrair o homem. Apontando para as tatuagens borradas na pele de Vylum, ele disse: "Essas marcas. Você não as tinha quando seu pai estava vivo. O... O que são?"

"Elas contam minha história, crescendo nos esgotos. Eu mesmo as pintei. Ele sorriu. Ele acariciou uma série de longos rabos de rato pendurados em seu ombro e tocou nos crânios e cadáveres de roedores acima deles. "Esta é a minha família, encontrados mortos, agora reunidos com seu grande protetor. E estes..."

Ele passou a mão sobre os ossos longos e pontiagudos pendurados em seu quadril. "São como troféus. Eles marcam cada morte. Possuo poucos agora, mas tenho muitos mais para encontrar. Estes quatro são novos. Gostaria de admirá-los? Ele levantou um osso. "Este chamou você de *marido*."

"Minha... esposa. Você..." O peso da dor o desorientou. O mundo parecia girar, pesando sobre ele até que Kirek caiu de joelhos. Sua esposa estava morta. Provavelmente assassinada da mesma forma que Ardan.

"E... Eu sei que o prejudiquei, druida." Ele sentiu as palavras saindo da sua boca mais rápido do que conseguia pensar. "Peço desculpas, mas você não precisa me matar..."

"Eu julgarei isso. E os ratos serão meus jurados e carrascos." Sua mandíbula contraiu e seus olhos se tornaram fendas de fogo enquanto ele dava um passo em direção ao homem que chorava. "Você me deixou para morrer."

"Eu disse que sentia muito! *Por favor!*"

Vylum estalou a língua. "Os ratos me mostraram mais bondade do que qualquer homem. Depois que você me jogou no fogo, os ratos me salvaram, me arrastaram do monte de cadáveres. Ao longo dos anos, eles se tornaram meus olhos e ouvidos em troca de minha proteção e ajuda. Eles são meus únicos amigos. Eles *sempre* foram meus únicos amigos." Ele balançou a cabeça. "A peste nunca foi o problema. Foram as pessoas."

Kirek tentou, mas não conseguiu se levantar. Tudo que ele conseguia pensar era em sua esposa e seus companheiros, e no quanto eles devem ter sofrido no final. Desnecessariamente. Lágrimas quentes desenharam linhas em seu rosto. "Por favor. Eu imploro, druida. Deixe-me ir! Ou, pelo menos, acabe comigo rapidamente.

"Responda-me isto." Vylum fixou os olhos em Kirek. "Já cansou da miséria da sua existência?"

Kirek soltou um gemido angustiante.

Vylum tocou em algo pendurado em seu pescoço. Um talismã, talvez? Seus lábios se moviam, mas os sussurros que chegavam aos ouvidos de Kirek vinham de outros. Mil vozes falando palavras que Kirek não conseguia traduzir. Mas ele entendeu com grande clareza a intenção mortal daquelas palavras.

Não era um talismã. Não. *Um farol.*

Ratos entraram por todas as fendas imagináveis, cobrindo o chão, envolvendo Kirek em um abraço mortal, enchendo seus ouvidos com guinchos ensurdecedores e o arranhar interminável de garras na pedra, respingando em poças e umidade.

Vylum agarrou Kirek pelos cabelos, arrastou-o pelo monte de ratos e o jogou com força contra a parede. Ele falou palavras estranhas para os vermes. Comandos, talvez? Então, os ratos o carregaram nas costas enquanto começavam a sair do recinto em direção à saída do túnel.

Acima, na entrada dos esgotos, ficava a última pilha de queima do vilarejo: a que Kirek e seus companheiros usaram para se livrar dos ratos do vilarejo. Foi lá que as criaturas deixaram Kirek, que gritava e se contorcia. Vylum agarrou o nobre e o jogou com força surpreendente na pilha de queima.

"Não!", Kirek berrou. Ele estendeu a mão, mas só conseguiu agarrar um dos ossos entalhados pendurados no pescoço de Vylum. A dor inflamou a pele de Kirek enquanto ele pegava fogo. Seu corpo estava tão machucado que ele não conseguiu

lutar, mesmo quando as chamas queimaram sua carne.

A morte vinha atrás ele com mil bocas famintas e o comando de um sussurro.

E, Tejal, testemunhei esta visão e devo carregá-la comigo por todos os meus dias. É o meu fardo. É o meu dom. E é meu dever compartilhar essas lendas com todos que possam ouvir.

Os ratos não infestam mais as terras. Não se compartilham mais sussurros sobre maldições druídicas e uma criatura à espreita no escuro. As pessoas estão seguras.

Mas até hoje, se você visitar o vilarejo, pode se pegar olhando por cima do ombro enquanto caminha pelas ruas à noite, e observando cantos sombrios atentamente. Pois as manchas de sangue nunca se apagam totalmente.

Vylum não foi o herói desta história, nem o vilão. No fundo, ele era apenas um garoto cuja alma havia sido esmagada por este mundo, e que buscou lançar o tormento que experimentou contra aqueles que causaram sua dor. O mesmo poderia ser dito de Kirek, cujo próprio sofrimento ele mesmo causou. O mundo não é feito de heróis e vilões. Em vez disso, é feito de pessoas, dor e perda. O que importa é o que essas pessoas fazem com essa dor e como se recuperam dessa perda que nos mostra que são lendas — sejam heróis ou vilões.

Que as chamas desta história afastem os intrusos, para permitir que a terra recupere o que foi roubado dela...

Z BREWER é ê autor best-seller do *New York Times* da série Chronicles of Vladimir Tod, além de oito livros adicionais (até agora). Elu escreveu mais contos do que consegue se lembrar e trabalhou como desenvolvedore de jogos para a Poorly Timed Games como líder de narrativas. Seus pronomes são elu/delu. Quando não está fazendo os leitores chorarem por ter matado um personagem que amavam, Z é ume defensore da saúde mental e antibullying. Além disso, elu têm cabelos incríveis. Z mora em Saint Louis, no Missouri, com ume maride, ume filhe e três majestades peludas que algumas pessoas chamam de "gatos". Elu é ume orgulhose proprietárie de uma espiga de dentes humanos.

TEJAL TEM MUITAS HISTÓRIAS PARA CONTAR. OUTROS CONTOS DOS HEDAJI CHEGARÃO EM BREVE...